

Síntese: O objetivo do artigo é ajudar a aprofundar o sentido das passagens bíblicas inspiradoras da comemoração do centenário de criação da diocese de Florianópolis. Antes de tudo, o lema: “De graça recebestes, de graça dai”, e o tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo”. Também se investiga o significado da afirmação da presença do Senhor: “Ele está no meio de nós”. A seguir, se chama a atenção para o fato de que o bem que realizamos foi pura graça: são “obras que o Senhor preparou para nós”. Por fim, se comenta a advertência do livro do Apocalipse às igrejas, de modo especial à nossa igreja centenária: é preciso pôr-se à escuta do que o Espírito, agora, nos diz.

Abstract: The objective of the article is to gain a deeper insight into of some biblical passages inspiring the Centennial Celebration of the diocese of Florianópolis. The main theme is “The gift you freely received is to be handed it over to others as a free gift”; a subordinate theme is “Disciples and missionaries of Jesus Christ”, and “The Lord is among us”. Attention is drawn to the fact that the good deeds we put into practice is due to sheer grace as “the things the LORD has prepared for us”. Lastly, the recommendation to the churches drawn from the Book of Revelation is to be taken under advisement by our Church in its Centennial Celebration: “Listen to what the Spirit is saying to us!” (Rv 2,7).

De graça recebestes

Pe. Ney Brasil Pereira*

* O Autor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC.



O lema escolhido para a celebração do centenário de criação da diocese de Florianópolis é a palavra do Senhor Jesus a seus discípulos, no chamado “discurso da Missão”, em Mt 10: De graça recebestes, de graça dai! (Mt 10,8). O tema, coincidindo com o da V Conferência do episcopado latino-americano, realizada em Aparecida, quer levar-nos a tirar as conseqüências do fato de que, por nosso batismo, somos discípulos e missionários de Jesus Cristo, “discípulos e missionários” como os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). A Oração do Centenário nos convida a continuar proclamando, como o fizemos insistentemente no 15º Congresso Eucarístico Nacional: Ele está no meio de nós! (cf Ex 17,7). O Hino do Centenário nos lembra que “o bem que realizamos foi pura graça: são obras que o Senhor preparou para nós”, como nos ensina Paulo na carta aos efésios (Ef 2,8-10). Por último, nesta comemoração que envolve especialmente “a igreja que está em Florianópolis” (cf Ap 2,1), mas também todas as igrejas que surgiram da primeira diocese que abrangia todo o Estado de Santa Catarina, sentimo-nos mais que nunca motivados a pôr-nos à escuta do que o Espírito diz às igrejas (Ap 2,7), portanto, o que Ele diz a nós agora, à nossa igreja particular, aqui.

O objetivo do artigo é simplesmente ajudar a aprofundar o sentido destas passagens bíblicas inspiradoras. Mesmo sem esmiuçar-lhes a análise exegética, o autor espera contribuir para a sua melhor compreensão, em vista do seu melhor aproveitamento na celebração do Centenário.

1 De graça recebestes

Esta palavra de Jesus – de graça recebestes, de graça dai – encontra-se somente em Mateus, no conjunto das instruções dadas aos “doze apóstolos”, no chamado “discurso da missão” (Mt 10,5-42). Mateus, como sempre, reúne num conjunto, mais completo, as instruções que se encontram sintetizadas nas passagens paralelas de Lucas (Lc 9, 1-6: a missão dos Doze e 10, 1-16: a missão dos Setenta e dois) e de Marcos (Mc 6, 7-13). Como nosso interesse aqui se concentra na palavra como tal, vejamos seu sentido em seu contexto. O contexto, portanto, é o do mencionado “discurso da missão”. Mateus refere que Jesus chamou os doze discípulos e deu-lhes autoridade de expulsar os espíritos imundos e de curar toda a sorte de males e enfermidades (10,1). A seguir, depois de mencionar os Doze, os “doze apóstolos”, pelo nome (10,2-4), o evangelista recorda a recomendação que lhes é feita de se dirigirem antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel (10,6), deixando para um segundo



tempo a missão entre os gentios e, também, entre os samaritanos (cf 10,5). A missão, agora, é dupla: proclamar que o Reino dos céus está próximo (10,7) e curar os doentes, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos, expulsar os demônios (10,8). Portanto, evangelizar e, paralelamente, curar. A propósito, apesar de o ministério da cura estar profissionalizado na medicina e na enfermagem, não estaremos simplesmente deixando-o de lado? Não seria o caso de valorizar mais a pastoral da saúde e o próprio ministério da cura?

É nesta altura que Jesus, mesmo reconhecendo que o operário é digno do seu sustento (10,10), ordena aos discípulos darem de graça o que de graça receberam (10,8). O que é que “receberam de graça”? Exatamente a autoridade, o poder, de expulsar os demônios e curar os enfermos (cf 10,1). Não podem, portanto, mercadejar com esse poder, ou seja, praticar a simonia, como Simão o mago quis induzir Pedro a fazer (cf At 8, 18-20). Não podem servir-se do ministério para benefício próprio, tirar vantagens econômicas, enriquecer-se, cedendo à tentação na qual tantos têm caído e ainda hoje caem. Por outro lado, não podem reter ociosa e mesquinamente esse dom, mas dele devem fazer uso abundante e generoso: por isso e para isso é que o receberam de graça.

A propósito, indo mais a fundo na expressão “de graça”, é interessante notar que o termo grego correspondente, em Mt 10,8, é o advérbio *dôreán*, que literalmente refere-se mais a “dom”, “presente” (gr. *dôron*), que a “graça” (*cháris*). Assim, a tradução literal seria: “de presente recebestes, de presente dai”, embora praticamente todas as edições da Bíblia em português prefiram a expressão tradicional “de graça”¹. Em mais outras quatro passagens do Novo Testamento encontramos o mesmo advérbio, com idêntico sentido, embora traduzido “gratuitamente”: em Rm 3,24, 2Cor 11,7 e Ap 21,6 e 22,17. Na carta aos romanos, depois de ter lembrado que “todos pecamos e estamos privados da glória da Deus”, Paulo afirma que “só podemos ser justificados gratuitamente (gr. *dôreán*), pela sua graça (gr. *tê autou cháriti*), em virtude da redenção no Cristo Jesus” (Rm 3,24). Na segunda carta aos coríntios, o mesmo Paulo, defendendo-se dos que o caluniavam, faz-lhes esta pergunta: “Acaso cometi algum pecado, pelo fato de vos ter anunciado gratuitamente (*dôreán*) o evangelho de Deus, tendo-me para isso humilhado a fim de que fôsseis

¹ Única exceção, parece-me, é a da “Bíblia Sagrada, Nova Tradução da Linguagem de Hoje” (Ed. Paulinas, 2005): Vocês receberam sem pagar; portanto, dêem sem cobrar.



exaltados?” (2Cor 11,7). No penúltimo capítulo do Apocalipse, entre os passos da renovação de todas as coisas, ouvimos a magnífica promessa do próprio Deus, confirmando o profeta Isaías (Is 55,1): “A quem tiver sede eu darei, gratuitamente (gr. dôreán), da fonte da água da vida” (Ap 21,6). A mesma promessa, o próprio vidente a repete, quase no final do livro: “Quem tem sede, venha, e quem quiser, receba gratuitamente (dôreán) da água da vida” (Ap 22,17).

Quanto ao motivo de ter-se escolhido como lema das comemorações do Centenário exatamente esta palavra de Jesus – de graça recebestes, de graça dai – a razão parece óbvia. Tantos dons de Deus, tantos esforços humanos, tanta generosidade, tanto empenho, tanta dedicação, tanta perseverança, messe tão abundante de tão laboriosa sementeira, ao longo destes cem anos... tudo isso, que constitui a Igreja hoje, em Santa Catarina, tudo isso recebemos de graça, gratuitamente, de presente! É justo, portanto, que agora nos empenhemos nós, tão generosamente e tão gratuitamente como os que nos precederam. De graça recebemos tanto – de graça, agora, devemos dar!

Um detalhe importante, porém, não pode ser esquecido no comentário ao nosso lema. É a participação daqueles, tantos, que, ao longo destes cem anos e mesmo agora, no contexto de nossas comemorações, foram e continuam sendo excluídos dos benefícios que nós agradecemos. Como fazer com que eles participem do nosso agradecimento e da nossa gratuidade, senão redobrando o esforço, em cada uma de nossas paróquias e em cada comunidade, para que os excluídos sejam afinal incluídos e, assim, conosco, possam ter motivos concretos para dar de graça o que de graça também eles tenham recebido?

2 Discípulos e missionários

É sabido que a 5ª Conferência do Episcopado latino-americano em Aparecida, em maio deste ano, teve como tema: Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nEle nossos povos tenham Vida. Por isso, uma vez que a preparação e a realização desse grande acontecimento eclesial coincidiu com a preparação imediata das comemorações do nosso Centenário, parece realmente oportuno que se retome, aqui entre nós, o mesmo tema, embora sintetizado: Discípulos e missionários de Jesus Cristo.



É uma fórmula sintética, que resume em duas palavras o que distingue o cristão: ser discípulo de Jesus Cristo e, ipso facto, ser seu evangelizador, anunciador, missionário. O Hino do Centenário assim interpreta o tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, fiéis ao Evangelho, seguindo sua Cruz!” Ora, o discipulado, ser discípulo, remete ao Mestre, Cristo, idêntico com Jesus de Nazaré, o Jesus histórico. E o ser missionário, atuar na missão, implícita e explicitamente cristã, é “continuar a obra de Jesus na história – justamente o anúncio e a instauração do Reino – sob o dinamismo do Espírito de Pentecostes”². O discipulado, portanto, brota espontâneo da leitura dos quatro evangelhos, que nos põem em contacto direto com a pessoa e o ensinamento do Mestre, que se apresenta a nós como “o Caminho” (cf Jo 14,6), e que exige de seus discípulos a renúncia de si mesmos e o seguimento até a Cruz (cf Lc 14,26-27.33). A missão, por sua vez, inspira-se nos Atos dos Apóstolos, que nos descrevem a realização, passo a passo, do mandato missionário do Senhor: Recebereis o poder do Espírito Santo, que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra (At 1,8). Missionários, portanto, que não poderão sê-lo senão como “testemunhas” e, mesmo, sendo o caso, como mártires. É o caso da nossa Albertina Berkenbrock, recentemente beatificada.

Vejamos, porém, entre tantos outros textos que nos ajudam, em nossa igreja particular centenária, a vivenciar o discipulado e a missão, a página em que Lucas apresenta a bela experiência pascal dos “discípulos de Emaús” (Lc 24,13-35). Apesar de a conhecermos bem, porque anualmente a ouvimos no tempo da Páscoa, interessa-nos relê-la, e ressaltar este ou aquele detalhe. São “dois” os discípulos, lembrando a instrução que encontramos em Mc 6,7: Chamou a si os Doze, e começou a enviá-los dois a dois (cf também Lc 10,1). Estes “dois”, um dos quais tem nome, Cléofas, estão deixando Jerusalém e dirigem-se a Emaús, provavelmente seu povoado de origem. Seu objetivo, porém, agora, não é a missão. Pelo contrário, é a desistência, o desencanto. Porque “já fazia três dias” que tinha acontecido a tragédia (cf v. 21). E eles, que “havam esperado” fosse Jesus o libertador de Israel, estavam desistindo, “escandalizados” com a sua Paixão. É aí que o próprio Ressuscitado se manifesta a eles. Corporalmente, mas numa corporeidade diferente, que

² Cf BRIGHENTI, Agenor, “Algumas coordenadas teológicas em torno ao discipulado e à missão na América Latina hoje”, in “Encontros Teológicos” n. 45 (2006/3), p.22



eles, desanimados, não conseguem reconhecer. Contudo, pelo fato de aceitarem o desconhecido como companheiro de viagem e de diálogo, as coisas começam a ficar claras.

A pergunta de Cléofas, estranhando que o “forasteiro” nada soubesse do acontecido em Jerusalém (cf. v. 18), parece uma ironia: de fato, são eles, os dois discípulos, que não se deram conta do que realmente aconteceu³. O desconhecido, no entanto, aceita ser informado. É o momento em que, provocados por ele, verbalizam o que pensam e sentem a respeito de Jesus, “um profeta poderoso em obras e palavras”, no entanto rejeitado pelos chefes, condenado e crucificado (vv. 19-20). Informam também que “algumas mulheres do nosso grupo”, indo ao túmulo, não encontraram o corpo, tiveram uma visão de anjos, mas ninguém o viu... (vv. 22-24). É então que começa, da parte do forasteiro, a grande aula pascal de exegese da Escritura (vv. 25-27). Os discípulos, empolgados com as passagens referentes ao Messias triunfante, haviam-se esquecido do retrato isaiano do Servo Sofredor, da paixão de Jeremias, dos orantes sofredores dos Salmos. No entanto, Jesus viera para assumir toda a Escritura, a qual doravante só poderá ser entendida à luz da sua Páscoa: a sua morte e ressurreição.

Nesse meio tempo, haviam chegado a Emaús. Conquistados pela sabedoria e bondade do forasteiro, os dois o convidam a pernoitar com eles: Fica conosco, pois é tarde e o dia está terminando! (v. 29). O desconhecido, agora já amado, põe-se à mesa, e recebe – ou assume – a honra de presidir. Seguem-se os gestos eucarísticos: bênção, fração, partilha do pão (v. 30). É então que se lhes abrem os olhos: e eles, antes chamados de “sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram” (v. 25), reconhecem agora no caminheiro, já seu hóspede, o Mestre ressuscitado. A revelação acontece, portanto, na partilha: começa na partilha da vida, continua na partilha da casa, consuma-se na partilha do pão. Uma vez reconhecido, sua presença física não é mais necessária. Eles, porém, “com o coração abrasado” (v. 37), retomam imediatamente o impulso da missão. Não conseguem guardar para si a descoberta. Sem levar em conta os quilômetros de distância e o adiantado da hora, voltam para Jerusalém, retornando à comunidade. Lá encontram os Onze, com os outros discípulos, excitados porque “o Senhor aparecera a Simão” (v. 34), e lhes contam o que acontecera com eles no caminho, e como o

³ Cf. ALONSO SCHÖKEL, Luís, *Bíblia do Peregrino*, São Paulo, Paulus, 2002, pp. 2539-2541



haviam reconhecido ao partir o pão (35). A seguir, agora re-inseridos na comunidade, os dois têm a oportunidade de rever Jesus, junto com os companheiros, na última aparição descrita por Lucas (24, 36-49). Foi quando, depois de mostrar-lhes as mãos e os pés e comer à vista de todos, o Ressuscitado confirmou-os na missão. Que Ele nos confirme, a nós também, como discípulos e missionários, fiéis ao Evangelho e seguindo sua Cruz, para partilharmos da sua Ressurreição.

3 Ele está no meio de nós

No Hino do 15º Congresso Eucarístico Nacional, depois de serem recordadas as várias presenças do Senhor – na Eucaristia, na comunidade reunida, na Palavra, nos necessitados, nos sucessores dos Apóstolos – a nona estrofe assim as resumia: “Tantas são as maneiras da presença / da presença daquele que é o Senhor: / a presença real no Sacramento / é sinal, é penhor do seu Amor!” A certeza desta Presença, especialmente na comunidade reunida, é a que nos faz proclamar, várias vezes, durante as nossas celebrações: Ele está no meio de nós! Ora, se realmente vivêssemos conscientes dessa multiforme e constante Presença, a vida da nossa igreja particular centenária, a nossa vida cristã, seria ainda melhor! Vale, pois, a pena, o esforço de crescer nessa consciência.

Nesse sentido, sem pretender ser exaustivo, e sem ultrapassar os limites deste artigo, vamos examinar as passagens bíblicas onde ocorre, literalmente, esta expressão. O primeiro caso em que ela ocorre, literalmente, está no livro do Êxodo. É a passagem intrigante em que o povo, revoltado com a falta de água no deserto, provocou Moisés, questionando: Afinal, o Senhor está, ou não está, no meio de nós? (Ex 17,7). No livro dos Números, também no contexto das murmurações contra Deus, Moisés interpela o povo, dizendo: Vós rejeitastes o Senhor, que está no meio de vós, e vos lamentastes diante dEle, dizendo: Por que saímos do Egito? (Nm 11,20) No início do livro do Deuteronômio, o próprio Deus, através de Moisés, ameaça o povo de abandoná-los, de “não estar com eles”, caso se metam numa batalha temerária: Não tenteis subir a montanha e não combatais, porque eu não estarei no meio de vós (Dt 1,42). No final do Deuteronômio, ouvimos os próprios israelitas confessarem, ao serem atingidos pelos castigos divinos: Não nos alcançaram estes males, exatamente porque o nosso Deus não está mais no meio de nós? (Dt 31,17) No livro de Josué, reconhecendo a fidelidade das tribos de Rubem, de Gad e de Manassés, o sacerdote Finéias declara: Hoje sabemos que o



Senhor está no meio de nós, porque não cometestes infidelidade contra Ele (Js 22,31).

Ao interceder pelo povo, numa grande seca, depois de ousadamente acusar a Deus de parecer “um valente incapaz de salvar”, Jeremias confia: Tu, no entanto, estás no meio de nós, Senhor! Fomos consagrados ao teu nome, não nos abandones! (Jr 14,9) No final do livro de Ezequiel, o profeta ouve do próprio Deus a promessa de voltar a habitar no meio do seu povo, em Jerusalém: Este é o lugar do meu trono, o lugar das plantas dos meus pés, onde habitarei no meio dos filhos de Israel para sempre (Ez 43,7). Entretanto, no contexto das denúncias contra os chefes do povo, os sacerdotes, e os falsos profetas, Miquéias lhes lança em rosto a desfaçatez de ainda quererem apoiar-se no Senhor, dizendo o que em seus lábios é uma blasfêmia: Não está o Senhor no meio de nós? (Mq 3,11) No contexto da restauração pós-exílica, Ageu convoca à ação Zorobabel, Josedec e todo o povo, assegurando-lhes, em nome de Deus: Porque eu estou convosco, diz o Senhor dos exércitos, segundo a palavra da Aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito. O meu Espírito habita no meio de vós, não temais (Ag 2,4-5). No período pós-exílico e posteriormente, no ensinamento rabínico, começou a empregar-se o termo shekînâ, do verbo shâkân, habitar, designativo da Presença de Deus, ao mesmo tempo que não se esquecia sua transcendência. A shekînâ se manifestava especialmente no Templo e em determinadas circunstâncias. A propósito, o targum de Ônkelos, redigido na era cristã, assim traduz Ex 25,8: “Farei habitar minha Shekînâ no meio deles”⁴.

No Novo Testamento, o evangelho segundo Mateus vê realizada em Jesus a profecia do Emanuel (Is 7,14): Ele é o Deus-conosco (Mt 1,23); onde dois ou mais se reunirem em Seu nome, Ele está no meio deles (Mt 18,20); finalmente, Ressuscitado, Ele se despede de seus discípulos com esta solene promessa: Eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo (Mt 28,20). Em Lucas, ao insistir com seus discípulos na atitude do serviço, Jesus assim se caracteriza: Eu estou no meio de vós como quem serve (Lc 22,27). Em João, o Precursor adverte aos emissários de Jerusalém e, neles, também a nós: No meio de vós está Aquele que vós não conheceis (Jo 1,26). Escrevendo aos coríntios, ao aconselhar-lhes ordem nas assembléias, e contrapondo os carismas da glossolalia e da profecia, Paulo afirma que a profecia arguirá o descrente, o qual, tocado

⁴ Cf JENNI,E., e WESTERMANN,C., *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, vol. II, Madrid, Ed. Cristiandad, col. 1141



em seu coração, se prostrará por terra e proclamará: Verdadeiramente, Deus está no meio de vós! (cf 1Cor 14,24-25)

Concluindo, esta presença de Deus, de seu Filho e de seu Espírito, no meio de nós, é ao mesmo tempo uma bênção, presença protetora, se formos fiéis, ou uma não-bênção, se não a respeitarmos ou dela não formos dignos.

4 As obras que o Senhor preparou

Faz parte das comemorações do Centenário recordar as obras realizadas, os resultados, seus autores, as grandes e pequenas figuras que contribuíram, cada uma a seu modo, para que se chegasse a criar a Diocese, em 1908 e para que, ao longo destes 100 anos, se chegasse à Província Eclesiástica de Florianópolis e ao Regional Sul IV da CNBB com as 10 Dioceses que agora o constituem. É justo recordar, apreciar, exaltar. No entanto, aos olhos da fé, como nos lembra uma das estrofes do Hino do Centenário, inspirando-nos na carta aos efésios (Ef 2, 8-10), não podemos esquecer que “o bem que realizamos / foi pura graça: / são obras que o Senhor preparou para nós! ” Isto é, as boas obras que realizamos, excelentes, pequenas ou grandes, foi Ele quem no-las inspirou e fez com que as realizássemos. A Ele, pois, em primeiro lugar, toda a honra e toda a glória.

Mas vejamos, na carta aos efésios, o contexto em que Paulo nos dá esse ensinamento. Depois de ter afirmado que “em nós, por sua bondade para conosco no Cristo Jesus, Deus quis mostrar, para os séculos futuros, a incomparável riqueza de sua graça” (Ef 2,7), o Apóstolo sintetiza, em três versículos, a sua doutrina sobre a graça de Deus. É a doutrina longamente desenvolvida nas cartas aos gálatas e aos romanos, no contexto da sua luta contra os judaizantes, que insistiam no valor salvífico das obras rituais da Lei. Eis o que ele ensina: “É pela graça (gr. *cháris*) que fostes salvos, mediante a fé. E isso não vem de vós: é dom (gr. *dôron*) de Deus! Não vem das obras, de modo que ninguém pode gloriar-se. Pois foi Deus quem nos fez, criando-nos no Cristo Jesus, em vista das boas obras que Ele preparou de antemão, para que nós as praticássemos ” (Ef 2,8-10). Assim, num paradoxo tipicamente paulino, não foram as nossas obras que nos salvaram, mas pelo contrário, salvos pela fé, Deus nos salvou em vista das boas obras que Ele preparou de antemão para nós. Isto é, as obras que fizemos, e as que estamos realizando, são todas “preparadas por Deus” para nós, de graça, para que as pratiquemos. Desse modo,



nenhum de nós se glorie, ninguém queira gloriar-se (Ef 2,9) do que fez ou esteja fazendo. Se foi de graça que Deus preparou essas obras para nós, então devemos praticá-las de graça, como nos lembra o nosso lema: De graça recebestes, de graça dai!

5 À escuta do Espírito

É conhecido, nos evangelhos sinóticos, o apelo de Jesus à atenção, à reflexão sobre o que ele disse ou vai dizer, com as palavras: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça! Assim, em Mc 4,9 e 4,23 e em Lc 8,8 e 14,35. Em Mateus, a fórmula é mais breve: Quem tem ouvidos, ouça! (Mt 11,15; 13,9; 13,43). A mesma fórmula, com pequena variante, é empregada também pelo autor do Apocalipse, mais ou menos pela metade do livro: Se alguém tem ouvido, ouça (Ap 13,9). No mesmo livro do Apocalipse, porém, nos capítulos 2 e 3, no final de cada uma das cartas às sete igrejas, o autor desdobra a fórmula, escrevendo: Quem tem ouvido, ouça o que o Espírito diz às igrejas (Ap 2,7.11.17.29; 3,6.13.22). É, pois, inspirando-se nessa passagem, que a última estrofe do Hino do Centenário termina assim: “O nosso ouvido está atento / à voz do Espírito. O Espírito que fala às Igrejas nos diz: “De graça recebestes, de graça dai!”

Para entendermos o sentido desse insistente apelo à escuta da voz do Espírito, é preciso examinar o seu contexto. Esse apelo encontra-se, como já foi dito, nos capítulos 2 e 3 do livro do Apocalipse, capítulos que se distinguem do restante do livro. A partir do capítulo 4º começa a parte propriamente apocalíptica, na qual o Cordeiro Imolado descerra os sete selos do livro da história (Ap 6-7), seguindo-se a secção das trombetas (Ap 8-11), a dos sinais (Ap 12-17), o julgamento da Prostituta, Babilônia (Ap 17-18) e o triunfo da Esposa, Jerusalém, e a nova criação (Ap 19-22). Na parte inicial (Ap 1-3), após a visão inaugural do Filho do Homem, que manda João escrever “às sete igrejas” da Ásia (Ap 1,11), temos, nos capítulos 2 e 3, o teor de cada uma das cartas “ao anjo”, provavelmente o bispo, de cada igreja. Se no final do livro a Esposa designa a Igreja no seu conjunto, nestes dois capítulos o autor privilegia a visão da “igreja particular”, hoje dizemos, a diocese. O fato de serem “sete” designa, simbolicamente, a totalidade das igrejas, ou seja, a Igreja, mas sem perder a característica da particularidade que as constitui: são aquelas sete igrejas determinadas, identificadas pelo nome, na então província romana da Ásia: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia. Naturalmente, hoje, entre nós, as igrejas



são: Florianópolis, Joinville, Lages, Tubarão, Chapecó, Caçador, Rio do Sul, Joaçaba, Criciúma, Blumenau.

Quem é que fala nas cartas? É o próprio Cristo ressuscitado, que em cada uma das cartas se apresenta com um dos traços que o marcam na visão inaugural. Cada carta faz um juízo sobre a igreja respectiva: o que ela tem de bom, o que ela deve corrigir, inclusive com nomes de pessoas e situações específicas. Assim, também, cada uma de nossas igrejas, hoje, deve constantemente rever-se, examinar-se, deixar-se julgar pelo Senhor, e empenhar-se na luta, para poder cantar vitória. A propósito, cada carta fala da recompensa que cabe ao “vencedor”, aquele que venceu por ter lutado.

Quanto ao Espírito, que em cada carta é apresentado como o porta-voz do Cristo, nós o reencontraremos pela metade do livro, como o Espírito consolador na perseguição: Sim, diz o Espírito, que eles – os mártires – descansem de suas fadigas, pois suas obras os acompanham (Ap 14,13b). Vamos encontrá-lo também no final do livro, quando o veremos unido à Igreja, clamando pela volta do Senhor: O Espírito e a Esposa dizem: Vem! (Ap 22,17)

Conclusão

Ouçamos, pois, a voz do Espírito. O que é que o Cristo, através dele, diz à nossa igreja particular neste início do terceiro Milênio, nas comemorações do centenário da Diocese? Que iniciativas nos fará tomar, que novos passos nos inspirará? A escuta de sua voz por certo nos levará a não deixar passar em vão este “tempo favorável” (2Cor 6,2), ensinando-nos a “dar de graça, o que de graça recebemos”, sem esquecer aqueles que, entre nós, por se encontrarem excluídos, têm dificuldade de fazê-lo. Ensinar-nos-á, ao mesmo tempo, a ser “discípulos e missionários de Jesus Cristo”, conscientes de que “Ele está no meio de nós” e que é dom do Pai, por Ele, todo o bem, todas as obras até agora realizadas. Sejam elas, sempre por dom do Pai, sementeira de novas obras, que Ele preparou para nós, ainda mais generosas e abundantes.

Endereço do Autor:

Caixa postal 5041, Florianópolis, 88040-970, SC

E-mail: ney.brasil@itesc.org.br